

## **A presença norte-americana no debate sobre cinema e educação no Brasil, 1920 a 1950.**

Rosana Elisa Catelli<sup>1</sup>

**Resumo:** Análise da relação entre cinema e educação, entre os anos de 1920 a 1950, a partir das concepções norte-americanas que estiveram presentes no Brasil. Nessa perspectiva o cinema educativo contribuiria para a formação da cidadania e constituição de uma sociedade democrática. Tais idéias são baseadas nos escritos de John Dewey, filósofo pragmatista americano, sobre o papel dos meios de comunicação de massa na sociedade moderna.

**Palavras-chave:** História do Cinema; História do Audiovisual; Cinema Educativo; Documentário

**Abstract:** This paper intends to discuss the relationship between cinema and education, between the years 1920 to 1950, from North American concepts that were present in Brazil. From this perspective the film education contribute to the formation of citizenship and democratic society. Such ideas are based on the writings of John Dewey, American pragmatist philosopher, about the role of the mass media in modern society.

**Keywords:** History of Cinema; History of Audiovisual; Education Movies; Documentary.

A revista Cinearte, em 1927, publicou uma matéria intitulada “O cinema e a infância”, na qual há a defesa do uso do cinema na educação das crianças. O grande exemplo mencionado para este tipo de utilização das imagens cinematográficas é os Estados Unidos. A revista transcreve as palavras de Roberto Rosenvald, da Fox-Film, a respeito da experiência desta empresa na produção de filmes de enredo para crianças, como também de filmes educativos no Estados Unidos. Rosenvald comenta a confecção de filmes de viagens, de botânica, históricos, de História da Arte, enfim, de diversos assuntos de interesse educativo e cultural. Segundo este representante da Fox: “existem ainda nos Estados Unidos produtores de filmes unicamente destinados a este mister, havendo em Nova York o Museu History, que os classifica e entrega às escolas que ali façam a competente requisição”<sup>2</sup>.

Em 1928, a revista Educação, que era elaborada pela Diretoria Geral da Instrução Pública, editada entre os anos de 1927 e 1930, publica um artigo de Head Kilpatrick, da Universidade de Columbia, discípulo de John Dewey, a respeito da escola pública nos Estados Unidos. Kilpatrick faz uma série de críticas ao sistema de ensino americano e ressalta a necessidade de renovação das práticas pedagógicas. Segundo ele, nos tempos modernos, a

---

<sup>1</sup> Doutora em Multimeios. Professora Adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) do curso de Comunicação Social. Financiamento Fapesb.

<sup>2</sup> Revista Cinearte, Rio de Janeiro, v.2, n.62, p.c4, 4 de maio de 1927.

ciência e a indústria se combinaram para criar a “grande sociedade”, complexa, em crescente urbanização. O surgimento de novas necessidades, a difusão dos meios de comunicação de massa e o domínio do discurso científico diminuíram o poder de instituições tradicionais. Sendo assim, a sociedade necessita da escola para preparar os jovens, o que, em sua opinião, não podia mais ser feito pela família, pela igreja ou pela comunidade.

Neste mesmo número da Revista Educação, há um artigo de Jeronimo Monteiro Filho, que realizou uma conferência na Associação Brasileira de Educação (ABE), ainda em 1928, a respeito da influência dos meios de comunicação de massa na educação. O autor afirma a necessidade do uso destes meios para o desenvolvimento material do país e para a formação mental das nações. Segundo ele, o maior exemplo desse tipo de uso era a sociedade norte-americana: “Nesse empenho continuado, para melhor servir aos ideais da nacionalidade, apelou para o cinema e depois para a radiotelefonia. Antevia aí os maravilhosos meios de comunicação, que iriam iluminar o destino dos povos do século XX” (MONTEIRO FILHO, 1928, p.216).

Estas citações demonstram que a experiência americana com a educação e com o uso dos meios de comunicação de massa, em especial o cinema, serviu como referência para se pensar a mesma questão no Brasil. Por um lado, a escola era apontada como a instituição social primordial de formação do cidadão na sociedade moderna. Mas não a escola centrada na erudição dos “livros”, mas sim na prática cotidiana da vida em comunidade. Para poder trazer a comunidade para perto da escola, os meios de comunicação de massa teriam um papel central, como o cinema, que poderia mostrar a cidade, o cotidiano, a natureza e representar as relações sociais que se estabelecem nesses locais. Por outro lado, a escola, com o auxílio dos meios de comunicação, poderia também exercer um papel fundamental na formação de uma nação composta por imigrantes, integrando e assimilando estes habitantes. Modelo que servia ao Brasil: “disseminar uma educação média generalizada, criar uma opinião pública, forte, repassada de uniforme sentimento patriótico, empreendendo a assimilação das densas massas imigratórias – mil estrangeiros recebidos diariamente em suas terras” (MONTEIRO FILHO, 1928, p.217).

Também com relação ao cinema educativo, o Estados Unidos estavam entre as referências, já que a experiência daquele país com a produção de documentários educativos é muitas vezes citada. Em dezembro de 1936, Roquette-Pinto fez uma viagem a Europa, designado pelo governo brasileiro, para estabelecer contatos com os institutos de cinema

educativo europeus<sup>3</sup>. Relata a organização do cinema educativo na França, Alemanha e Itália. As anotações de Roquette-Pinto referem-se, em grande parte, à organização desses institutos no que se refere a: composição do quadro de funcionários, material utilizado, instalações, circulação dos filmes. Neste mesmo relatório são feitas algumas comparações com a produção americana de filmes educativos, demonstrando que havia um contato com esta produção e um interesse pela mesma, nas palavras de Roquette-Pinto: “É certo que na França, na Itália e na Alemanha não existe, nem de longe, o entusiasmo que os norte-americanos manifestam pelo filme sonoro educativo de 16mm”. Ele ainda continua suas observações a respeito da produção americana dizendo que, no Brasil, os técnicos vinculados ao INCE, preferiram seguir o que é feito pelos americanos em termos da não utilização de legendas e a inserção do som no cinema educativo. O relatório prossegue acentuando-se a necessidade de se estabelecer contato com estes institutos estrangeiros e conclui dizendo que o INCE não copiou nenhum destes modelos: “Procurei outras soluções práticas correspondentes às condições do Brasil, sem desprezar a referência dos precursores”<sup>4</sup>.

Num outro relatório, assinado por Roquette-Pinto, datado de 11 de julho de 1942, endereçado ao Ministro da Educação e Saúde, ele afirma que O INCE “representa no Brasil o órgão central do que os norte-americanos denominam – VISUAL EDUCATION – atualmente um dos mais cuidados setores da educação”, e continua seu relatório com a citação dos outros países que também praticavam atividades nesse setor: Alemanha (Reichsstelle für den Unterrichtsfilm), Inglaterra (British Film Institute), Itália (Istituto Luce) e França (Musée Pédagogique)<sup>5</sup>.

Como já apontamos no capítulo anterior o vínculo entre os educadores da Escola Nova com os Estados Unidos também foi amplo. Foram feitas visitas aos Estados Unidos com o objetivo de conhecer o sistema educacional, inclusive nas universidades americanas como a Universidade de Columbia, em Nova York. Também foi grande a influência da Escola Nova, principalmente de um dos teóricos deste ideário, o filósofo John Dewey, professor da mesma Universidade de Columbia.

---

<sup>3</sup> Segundo Schvarzman (2004) Roquette-Pinto iria nesta viagem participar de um congresso científico e por sugestão de Gustavo Capanema foi conhecer o cinema educativo europeu.

<sup>4</sup> CPDOC. GCg 35.00.00/2, Roquette-Pinto para Gustavo Capanema, Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1937. “Relatório das principais observações feitas a respeito do atual estado do cinema educativo na Europa, no desempenho da Comissão com que fui distinguido em dezembro de 1936”.. A este respeito Sheila Schvarzman (2004, p.205) faz o seguinte comentário: “Finalizando o seu relatório de viagem, o diretor do INCE reconhece a contribuição de cada uma das instituições que visitou, mas enfatiza a independência do instituto brasileiro, que não “copiava servilmente” nenhum desses modelos, deixando clara sua vocação educativa e contrária à propaganda”.

<sup>5</sup> CPDOC, GCg 35.00.00/2.

Para John Dewey a comunicação tinha um papel fundamental na vida em sociedade, “no ato de compartilhar a vida em comunidade. ‘Tudo o que pode ser denominado comunidade em sentido fecundo – declara Dewey – deve possuir valores apreciados em comum. Sem eles, o chamado grupo social – a classe, o povo, a nação – tende a dividir-se em moléculas cuja união é puramente mecânica’”<sup>6</sup>. Dewey também escreveu a respeito da influência dos meios de comunicação de massa na sociedade moderna, inclusive o cinema, e o papel destes meios na construção de uma sociedade democrática. Segundo Anna Siomopoulos (1999), muitos intelectuais americanos elaboraram, entre os anos de 1920 e 1930, um discurso ético sobre o papel da cultura de massa e especialmente o cinema na modernização da sociedade americana. Entre estes intelectuais, Siomopoulos comenta as idéias de John Dewey sobre a cultura de massa e seu papel como agente de mudança social. Dewey abordou os efeitos da racionalidade tecnológica e da produção de massa nas instituições sociais e na participação dos cidadãos. Reconheceu as dificuldades da cultura de massa em contribuir para um processo de mudança social dado o seu atrelamento à produção capitalista. Apesar disso, acreditou que a cultura de massa poderia contribuir para a construção de uma política social democrata, pela promoção do diálogo público sobre os problemas da sociedade moderna.

Dewey fazia uma crítica bastante intensa aos meios de comunicação de massa como o rádio e o cinema. Para ele, esses meios criavam um consenso superficial, padronizava hábitos e enfraquecia as virtudes cívicas. Ele considerava que a tecnologia tinha invadido e parcialmente desintegrado as pequenas comunidades sem gerar uma “Grande Comunidade”, referindo-se a uma democracia participativa. O obstáculo que impedia a cultura de massa de enriquecer a vida coletiva era o fato de ser controlada por interesses privados. Afastados esses interesses, os meios de comunicação poderiam ser auxiliares na formação desta “Grande Comunidade”, contribuindo para uma maior democracia na vida pública.

Dewey salientou também que a necessidade de as pessoas participarem de uma experiência comum, fazerem parte de uma comunidade, era o que podia explicar a atração das pessoas pelo cinema. Segundo ele, a cultura de massa propiciava o contato entre pensamentos e desejos de diferentes classes, fundando novas identidades sociais e uma sociedade mais democrática.

Além das considerações feitas por Dewey a respeito dos meios de comunicação de massa, é interessante também observar que a Universidade de Columbia, local de formação de Anísio Teixeira, por exemplo, teve uma ampla experiência com o cinema associado à

---

<sup>6</sup> DEWEY, John. *Freedom and Culture*, New York, G.P. Putnam’s Sons, 1939, p.12. Citado por AMARAL, Maria Bazaré Pacheco, 1990, p.68.

educação. Conforme análise feita por Peter Decherney (2000) a respeito dos cursos da Universidade de Columbia voltados para o cinema, entre os anos de 1915 e 1938, o sucesso comercial dos filmes nos Estados Unidos levou os educadores e políticos a pensar no potencial do cinema para a educação de massa. Numa sociedade composta por uma grande massa de imigrantes, o cinema foi visto como um instrumento de integração desses diversos grupos à sociedade americana. Na sua análise ele aponta para uma conversão de interesses entre a indústria cinematográfica de Hollywood e a Universidade de Columbia. A indústria necessitava treinar artistas profissionais e formar roteiristas competentes para produção de filmes. Havia também a idéia de que o filme educacional poderia ajudar na profissionalização e no controle da forma de fazer filmes.

A formação dos cursos de cinema da Universidade de Columbia, entre os anos de 1914 e 1915, o “Photoplay Composition”, coincidia com a consolidação de Hollywood e com os esforços desta indústria para expandir sua audiência para a classe média. Os cursos da Columbia tornaram-se uma extensão da indústria de cinema, que pela ênfase no roteiro, procurou redefinir seus temas e trazer um novo público para o cinema. Ao mesmo tempo, as universidades americanas passavam por uma redefinição, de tal forma que o conhecimento era concebido pela sua função social. Universidades como a Columbia transformaram os cursos superiores e adotaram o uso do filme como recurso pedagógico na sala de aula. Na segunda metade da década de 1910, havia uma intensa demanda por filmes educacionais nas universidades estaduais americanas, alimentada muitas vezes pela produção governamental de documentários realizada após a I Guerra.

Numa matéria de 1929, a Cinearte comenta um artigo de uma revista especializada de cinema dos Estados Unidos, sem citar o título do periódico ou artigo, apenas mencionando que se trata de um comentário de um artigo de Edward Mayer, então secretário americano de educação:

Um dos pontos mais interessantes da conferência de Mr. Mayer, que deve merecer a reflexão de nossos exibidores, se é que eles refletem alguma coisa que não prenda ao seu cofre forte, é aquele em que afirma que o filme educativo em qualquer ponto do território americano prejudicou os negócios do outro filme, daquele que se exhibe usualmente nos cinemas; e afirma ter pessoalmente verificado em vários pontos que o exibidor local adquire prestígio e proveito exibindo lado a lado os filmes comuns ao lado dos educativos.<sup>7</sup>

É importante destacar, que o autor da matéria considera interessante ressaltar o fato de o filme educativo não atrapalhar os negócios com o filme comercial, pelo contrário os

---

<sup>7</sup> Revista Cinearte, Rio de Janeiro, v.4, n.156, p.3, 20 de fevereiro de 1929.

exibidores tirariam proveito disso. Ou seja, o cinema educativo funcionaria como fomento para a própria indústria cinematográfica, dando prestígio às salas de cinema, formando um público mais “civilizado” e educando os próprios “homens de cinema”, com uma nova mentalidade, diversa daquela que almejava apenas encher os “cofres”.

Ainda com relação à experiência americana, na Universidade de Columbia, Decherney (2000) relata as mudanças sofridas, a partir de 1920, no currículo dos cursos daquela instituição. Neste período, os cursos de cinema que focalizavam a confecção de roteiros foram rapidamente identificados como parte de um esforço para “civilizar” e “americanizar” o grande número de imigrantes espalhados pelas escolas americanas. Os filmes foram considerados como instrumentos de civilização da sociedade moderna e o filme educacional parte essencial na educação liberal. Conforme as idéias de Dewey, pretendia-se formar um novo público de cinema, não aquele da sociedade de massa, mas um público capaz de constituir uma “opinião pública”. Com relação ao cinema, a idéia era sentar numa cadeira confortável, absorver a luz e fazer parte de uma cidadania universal (DECHERNEY, 2000, p.454).

Esses aspectos referentes aos Estados Unidos apontam para alguns semelhantes aos das propostas de cinema educativo no Brasil e servem para refletirmos a respeito da inserção desta experiência americana também no modelo que foi pensado no Brasil. Para os primeiros formuladores do cinema educativo no Brasil, entre os anos de 1920 e 1930, o cinema também era visto como um instrumento capaz de “civilizar” e “abrasileirar” uma população diversa regionalmente e também composta por muitos imigrantes.

Podemos observar que o diálogo em torno do cinema educativo no Brasil, reconstruído pelas páginas da Revista Cinearte, dá destaque também ao que se produziu em países como a França, como também à produção de filmes educativos vindos dos Estados Unidos. A experiência de utilização de filmes nas escolas americanas aparece com frequência nas páginas da revista. Um dos grandes modelos da revista Cinearte para a produção de filmes educativos é o americano. Entretanto, convencionou-se nas análises sobre a produção cinematográfica nacional, apontar os Estados Unidos como modelo para os filmes de enredo e Alemanha e Itália para o cinema educativo, mas ao ler mais atentamente as matérias da Revista Cinearte sobre os filmes educativos, observamos que a produção americana servia também de referência para o Brasil.

Assim como foram realizadas visitas para se conhecer o modelo de cinema educativo europeu, também foram feitas viagens aos Estados Unidos com este objetivo. Em 1930, o presidente Júlio Prestes, vai aos Estados Unidos e a Cinearte fica esperançosa de que

a viagem do governante trouxesse inspiração para a implementação do cinema na educação escolar brasileira:

Necessariamente terá o presidente eleito, Dr. Júlio Prestes, sua atenção atraída entre muitas outras coisas, para os assuntos referentes à instrução pública, modelar naquele país, com uma organização ideal, digna de imitação.

E, estudando este assunto, facilmente verificará quanto o cinematógrafo vai contribuindo para, desde as escolas primárias até os cursos universitários, como inigualável auxiliar pedagógico para a melhoria dos métodos de ensino<sup>8</sup>.

Além das viagens mantinha-se contato com as publicações americanas que relatavam as experiências com os filmes educativos e havia uma grande circulação de filmes educativos produzidos nos Estados Unidos. Nos textos dos educadores da Escola Nova e nas páginas da Cinearte, encontramos referências aos catálogos de filmes educativos disponíveis da época; entre os que eram produzidos nos Estados Unidos são citados aqueles realizados pela DeVry School Films Inc., que continha filmes sobre cidadania americana, eletricidade, estadistas americanos, estudos da natureza, geografia, guias de aptidão profissional e ciências (SERRANO & VENANCIO, 1930). Na Revista Cinearte, também encontramos comentários sobre estes catálogos de filmes educativos americanos da DeVry School, um deles continha noventa filmes e vinham acompanhados da instrução para o professor. Segundo a matéria, estes filmes, eram confeccionados por professores na área de competência de cada filme. A Eastman Teaching Films Inc. é citada, nas páginas da Cinearte, como um modelo de experimentação no uso do cinema na educação e como tendo um dos melhores catálogos de filmes.

A Cinearte vivia um conflito com relação ao cinema americano. Era seu exemplo, tanto para os filmes de enredo como para os educativos, os filmes americanos eram, dessa forma, os protótipos do “bom” cinema. Ao mesmo tempo, o Estados Unidos representava o “mau” cinema, já que muitas vezes os filmes ali realizados eram violentos, continham cenas imorais e principalmente, interferiam culturalmente no país, introduzindo hábitos e valores que não eram os nossos. A freqüência de reclamações a respeito da má influência dos filmes americanos para a sociedade brasileira era intensa, entre os anos de 1920 e 1930. É para estas declarações que, ironicamente, Monteiro Lobato se dirige, em artigo transcrito pela Cinearte em 1926:

Conheço um que não cessa de catonizar contra os Estados Unidos e sua nefasta influência sobre a sociedade brasileira. Isto aqui seria o paraíso terreal se não fora o “Yankee” com sua penetração irresistível. O país vai mal, a máquina administrativa não funciona, o povo não enriquece, não aprende a ler, não tem justiça, etc, etc, tudo graças a influência americana. Rolamos por um despenhadeiro porque o americano nos empurra.

---

<sup>8</sup> Revista Cinearte, Rio de Janeiro, v.5, n.226, p.3, 25 de junho de 1930.

(....)

Se a cidade funciona, isso se deve ao engenho do povo que lhe deu o presente máximo: a velocidade. A velocidade no transporte de carga, a velocidade no transporte de pensamento. É que lhe dá, com os maravilhosos espetáculos da arte muda, uma lição de moral que, se fora seguida, tiraria ao Rio o seu aspecto de açougue do crime passionai. O cinema americano ensina o perdão.

Entretanto, cada vez que o nosso censor deblatera contra a influência americana, os basbaques, que têm preguiça de pensar, murmuram em côro: - É mesmo!<sup>9</sup>

Ao mesmo tempo em que a revista Cinearte saía em defesa do cinema americano, e por isso a intenção de publicar o artigo de Lobato, também realizava uma campanha pela nacionalização do cinema, com a justificativa de impedir a má influência do cinema americano. A luta pela nacionalização do cinema brasileiro parecia alcançar seus primeiros resultados com a lei de obrigatoriedade do complemento nacional. É esta a opinião, por exemplo, de uma escritora da década de 1930, publicada no Jornal do Brasil e transcrita por Cinearte em 1934:

Uma das medidas mais fecundas em resultados práticos de conhecimento melhor da nossa terra foi certamente a que instituiu, na abertura de todo programa cinematográfico, a inclusão de uma produção de filmagem brasileira, sobre coisas e acontecimentos nacionais. O grande perigo do cinema exclusivamente estrangeiro, residia precisamente nesta espécie de inoculação a jato contínuo de modas, costumes e ambientes, espírito, de outras terras, redundando, ao cabo de certo tempo, numa verdadeira desnacionalização sistematizada de gostos e de mentalidade<sup>10</sup>.

Defendia-se a nacionalização das temáticas encenadas pelo cinema brasileiro, mas ainda numa estética essencialmente americana, hollywoodiana, com a justificativa da excelência técnica da indústria cinematográfica dos Estados Unidos. O cinema americano possuía então dois pólos: um positivo, representado pela técnica cinematográfica e, um negativo, pelas possibilidades de “aculturação”. E a questão era como controlar a circulação de representações do modo de vida do brasileiro diante da intensa presença do cinema americano.

Neste âmbito, poderíamos estabelecer um paralelo, com a análise que Richard Abel (2004) faz a respeito da presença do cinema francês nos Estados Unidos, no início do século XX. Com a intensa circulação no mercado norte-americano dos filmes da Pathé-Frères, que liderava a industrialização do cinema mundialmente, houve uma forte reação aos filmes franceses, considerados depravados e inconvenientes, apesar de serem considerados bons tecnicamente. A aversão a estes filmes, significava para Abel “uma conjunção de preocupações sobre quem ia ao cinema e para ver o que e quem estava sendo construído como

---

<sup>9</sup> Revista Cinearte, Rio de Janeiro, v.1, n.7, p.1, 14 de abril de 1926. Transcrição do artigo “A influência americana” de Monteiro Lobato, publicado originalmente em A Manhã.

<sup>10</sup> Revista Cinearte, Rio de Janeiro, v.9, n.404, p.6, 01 de novembro de 1934.



norte-americano” (ABEL, 2004, p.69). Era a construção de uma identidade norte-americana, numa sociedade formada por imigrantes, que tornava a influência francesa indesejável naquele momento.

Ainda segundo Abel, para a consolidação desse processo de americanização da sociedade americana, a educação passou a ser um componente vital, inclusive a que podia ser realizada pelos modernos meios de comunicação da cultura de massa, como o cinema. Estas observações podem servir também, guardadas as especificidades contextuais, para a relação entre cinema e educação no Brasil. Na década de 1930, havia também um projeto de construção de uma nacionalidade, ou de um Brasil que sintetizasse as diferenças regionais, integrasse os imigrantes e diminuísse as diversidades étnicas. O cinema foi conclamado a auxiliar nesta tarefa de divulgar o Brasil para os brasileiros, de fazer a propaganda de nós mesmos, na mesma crença dos americanos em relação aos benefícios da propaganda numa sociedade de massa. No entanto a produção de filmes nacionais era muito pequena se comparada com a grande circulação de filmes americanos. Venâncio e Serrano citam dados oficiais para ressaltar a baixa produção nacional, segundo eles, em 1929 o total de filmes censurados foi de 1477, destes 1268 era americanos, 114 alemães e apenas 38 eram brasileiros, seguidos de 29 franceses.

Os Estados Unidos, onde a indústria cinematográfica atingiu a uma notável perfeição, têm, graças a força de irradiação dos seus filmes, exibidos por toda a parte, divulgado pelo mundo, além de suas teorias religiosas e sociais, o seu prodigioso aperfeiçoamento intelectual e econômico. É no filme americano, que se apresenta na mais remota aldeia da América, da Europa e da Ásia, que reside o segredo do incontestável prestígio universal dos Estados Unidos<sup>11</sup>.

Parafraseando Abel, como “abrasileirar” a sociedade brasileira com a intensa circulação de filmes americanos? Era preciso, então, aumentar a produção nacional, mas uma produção “domesticada”, que seguisse os parâmetros da indústria cinematográfica internacional, em termos técnicos e temáticos. Nesse sentido, a união entre educadores e os “homens de cinema” era extremamente conveniente: aos primeiros ficou resguardada a missão de inserir na produção cinematográfica nacional o discurso da ciência, das artes, da literatura, da cultura nacional, bem como, de preparar os jovens para se tornarem público do “bom” cinema. Aos “homens de cinema” ficou a incumbência de transmitir os preceitos da técnica cinematográfica, os princípios da “fotogenia”, os parâmetros da seleção de imagens. Sendo assim, o cinema educativo tinha dupla atribuição: educar a população brasileira pelas

---

<sup>11</sup> Revista Cinearte, Rio de Janeiro, v.4, n.149, p.38, 02 de janeiro de 1929.

imagens e educar as imagens do cinema nacional.

### **Referências bibliográficas**

ABEL, Richard. Os perigos da Pathé ou a americanização dos primórdios do cinema americano. In: CHARNEY, Leo e SCHWARTZ, Vanessa R. **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

ALMEIDA, Joaquim Canuto Mendes de. **Cinema contra cinema**: bases gerais para um esboço de organização do cinema educativo no Brasil. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1931a.

AMARAL, Maria Nazaré de C. Pacheco. **Dewey: filosofia e experiência democrática**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1990.

AZEVEDO, Fernando. **A cultura brasileira**. 4 ed. Brasília: Editora da UNB, 1963.

BANDEIRA, M. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**: dois séculos de História. São Paulo: Civilização Brasileira, 1973.

COSTA, Flávia Cesarino. **O primeiro cinema: espetáculo, narração, domesticação**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005.

DECHERNEY, Peter. Inventing film study and its object at Columbia University, 1915-1938. **Film History**, v.12, n.4, Color Film, pp. 443-460, 2000.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1971.

KILPATRICK, H. A escola pública nos Estados Unidos. **Educação**. Órgão da Associação Brasileira de Educação. Departamento do Rio de Janeiro, Julho, vol.4, 1928.

MONTEIRO Filho, Jeronymo. Os meios modernos de comunicação: sua influência sobre a educação e organização nacional. **Educação**. Órgão da Associação Brasileira de Educação. Departamento do Rio de Janeiro, julho, vol.4, 1928.

VENÂNCIO FILHO, Francisco e SERRANO, Jonatas. **Cinema e educação**. São Paulo: Companhia Editora Melhoramentos, 1930.

SIOMOPOULOS, Anna. Entertaining ethics: technology, mass culture and american intellectuals of the 1930s. **Film History**, vol.11, n.1, Film Technology, pp.45-54, 1999.